

PACO  EDITORIAL



Coleção Mediação de Leitura
volume 2

MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA E FORMAÇÃO DE LEITORES

ENSINO FUNDAMENTAL II

Adauto Locatelli Taufer
Pedro Balauus Custódio
Wellington Furtado Ramos
(orgs.)

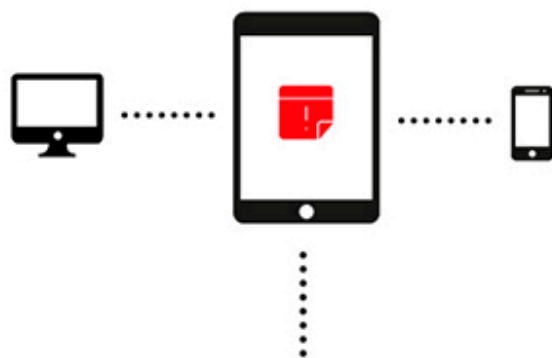


Coleção Mediação de Leitura
volume 2

**MEDIAÇÃO DE
LEITURA LITERÁRIA E
FORMAÇÃO DE LEITORES**
ENSINO FUNDAMENTAL II

Adauto Locatelli Taufer
Pedro Balauz Custódio
Wellington Furtado Ramos
(orgs.)

PACO  EDITORIAL



IMPORTANTE

Cuidamos para que a produção deste ebook tivesse o mesmo padrão de qualidade das nossas obras impressas. Mas poderá ter variação na apresentação do conteúdo de acordo com cada dispositivo de leitura.

Copyright © 2022 by Paco Editorial

Direitos desta edição reservados à Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autor.

Revisão: Márcia Santos

Capa: Larissa Codogno

Diagramação: Vinicius Torquato

Edição em Versão Impressa: 2022

Edição em Versão Digital: 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M489

Mediação de leitura literária e formação de leitores: Ensino fundamental II /
Adauto Locatelli Taufer (Organizador), Pedro Balaus Custódio (Organizador),
Wellington Furtado Ramos (Organizador). – Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2022.

Recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Multiplataforma

ISBN 978-65-5840-873-4

1. Leitura - Estudo e ensino (Ensino fundamental). 2. Formação de
professores. 3. Educação. I. Taufer, Adauto Locatelli (Organizador). II.
Custódio, Pedro Balaus (Organizador). III. Ramos, Wellington Furtado
(Organizador). IV. Título.

CDD: 372.4

Janaina Ramos - Bibliotecária - CRB-8/9166

Índice para catálogo sistemático

I. Leitura - Estudo e ensino (Ensino fundamental)

Conselho Editorial

ALGUMAS PERCEPÇÕES DOS ALUNOS SOBRE A EDUCAÇÃO LITERÁRIA NO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO PORTUGUÊS: CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS SOBRE UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Pedro Balauus Custódio

Adauto Locatelli Tauffer

Isabel Sofia Calvário Correia

Razões para um breve estudo exploratório

Este capítulo explicita a parte inicial de uma investigação, ainda em curso, relacionada com a disciplina de Português no 2º ciclo do ensino básico (CEB) português e tem como primeira finalidade constatar qual a ênfase atribuída ao domínio da Educação Literária (EL), em contexto de sala de aula.¹ Numa fase final, este estudo pretende analisar qual o nível de influência exercida pela lista de obras e de textos para trabalhar este domínio programático e de que forma coexistem estas indicações de leitura, não apenas com o Programa, como ainda com as sugestões emanadas pelo Plano Nacional de Leitura (PNL). De igual forma, pretendemos aferir de que modo e em que extensão os textos presentes nos manuais de Português para este ciclo condicionam, inovam ou reproduzem as instruções curriculares. Assim, esta breve epítome traduz uma parte de uma investigação que pretende clarificar algumas conceções relacionadas com o campo da literatura e com o domínio da EL neste ciclo de estudos, averiguando se os alunos compreendem alguns conceitos relacionados com ela.

Atualmente, a maior parte dos manuais escolares de Português integram textos literários propostos pelas listas de leitura, tanto do Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico (doravante designado Programa), como do Plano Nacional de Leitura (PNL). Com o propósito de verificar a influência destes dois documentos na seleção de textos que integram um manual escolar específico em uso, num dos agrupamentos no qual este estudo se iniciou, foi produzida uma análise, tendo como suporte de avaliação a pertença dos textos ao Programa e/ou ao PNL.

Definição do foco e dos objetivos

Sucintamente, poderemos elencar os principais focos que estão em causa neste trabalho em curso, a saber:

1. Os alunos do 2º ciclo de escolaridade de um agrupamento de escolas da cidade de Coimbra conhecem e compreendem o conceito de educação literária que lhes é proposto no currículo?

2. Os textos literários que emolduram os manuais escolares e as obras literárias propostas ao longo do ano letivo pertencem à lista de obras e textos sugeridos pelo Programa de Português do Ensino Básico e às listas de leitura orientada ou autónoma contidas no Plano Nacional de Leitura?

Da mesma forma, consideramos que um dos objetivos nucleares é avaliar a conformidade do domínio da EL em contextos letivos na aula de Português no 2º CEB. Todavia, podemos considerar que são também alvos analisar outros aspetos, como, por exemplo:

1. Examinar se a amostra de inquiridos conhece e compreende o significado do conceito de *literatura*;
2. Perceber qual o género textual preferido dos alunos;
3. Avaliar como é que se efetiva a seleção dos livros;

4. Quantificar se a amostra identifica o logotipo PNL **LER⁺** nos textos que lhes são propostos;
5. Compreender se a amostra conhece o significado da sigla PNL;
6. Analisar se as obras e/ou os textos literários interpelados nas aulas de Português são propostos pelo Programa e/ou pelo PNL.

Enquadramento programático da educação literária

A literatura ensina-se? Ou ensinar literatura começará sempre por ensinar a ler e a incutir o desejo de ler? O ensino da literatura em Portugal sofreu, entre outras, algumas alterações nas décadas de oitenta e de noventa, relativamente a um período anterior em que a sua importância ressaltava no seio do currículo de língua materna. Custódio (2004, p. 489) descreve tal facto e evidencia os motivos subjacentes a essas mudanças:

A cultura literária sofre um sério revés porque deixa de constituir um suporte autorizado para a prossecução de muitas dessas finalidades. As disciplinas de raiz científica e tecnológica sobressaem nas arquiteturas curriculares, por se acreditar que elas podem calibrar, de modo mais preciso, as funções de igualdade de oportunidades no ensino e, além disso, responderem mais solicitamente aos grandes desafios da contemporaneidade, ao avanço científico e às necessidades pragmatistas que emergem das novas conjunturas sociais. A elitização da literatura e a desagregação contemporânea do cânone literário escolar traduzem, também, a fragmentação do papel do texto literário noutros níveis de ensino e comprovam a mudança de um paradigma cultural, que deixou de estar centrado na transmissão cultural de um legado.

É em 2009, com o Programa de Português do Ensino Básico, que se recupera uma nova abordagem da literatura em sala de aula, uma vez que “reclamaram uma presença efetiva dos textos literários no ensino da língua, valorizados na sua condição de testemunhos de um legado estético e não meramente integrados como casos tipológicos a par de outros com muito menor densidade cultural” (Reis *et al.*, 2009, p. 5).

Seguindo esta ideia, e com o propósito de integrar a literatura no currículo, o novo Programa e Metas Curriculares de Português (2015) definidas pelo Ministério da Educação, decidiram incluir o domínio da *Educação Literária*. Nos objetivos deste documento realça-se que a EL “pretende desenvolver aspetos que se referem ao desenvolvimento da capacidade de leitura crítica e de partilha dum património literário nacional e internacional” (Redes, 2015).

Assim, os autores do Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico (2015, p. 19) afirmam que

No domínio da Educação Literária, no 2º. Ciclo do Ensino Básico, prossegue o estudo de obras significativas, adequadas a esta faixa etária, no sentido, sobretudo, de que os alunos possam ir construindo e consolidando a sua capacidade leitora, nomeadamente em torno dos géneros e textos eleitos, como fábulas, lendas, contos. Inicia-se formalmente neste Ciclo uma análise gradual dos recursos expressivos, bem como de textos literários com uma maior densificação temática.

Com o propósito de esclarecer quais as obras e os textos literários a estudar, tanto o Programa como o PNL definiram um conjunto concreto de livros, que, durante um determinado período de tempo ou ano de escolaridade, deverão ser lidos por todos os alunos, concretizando-se “num conjunto de estratégias destinadas a promover o desenvolvimento de competências nos domínios da leitura e da escrita, bem como o alargamento e aprofundamento dos hábitos de leitura, designadamente entre a população escolar” (PNL, 2016).

O Plano Nacional de Leitura é, como se sabe, um programa governamental que reúne um conjunto de atividades com o objetivo de elevar os níveis de literacia dos portugueses. Uma das iniciativas passa precisamente pela indicação dos livros cuja leitura é recomendada para o alcance desse intento, pelo que, nesse sentido, alguns títulos acabam por fazer parte das obras indicadas também no Programa (2015).

Ora, segundo afirmavam Reis *et al.* (2009, p. 64),

O corpus textual deve cobrir um vasto leque de gêneros, incluindo textos do maravilhoso e do fantástico, narrativas com forte ligação ao real, narrativas de aventura, textos dramáticos, fábulas, lendas, mitos, poesias, textos de literatura popular e tradicional, biografias e relatos históricos, entre outros.

Atualmente, “O cânone [...] incorpora uma série de modelos cuja evidência paradigmática se reporta ao longo dos sucessivos tempos históricos e se impõe à mentalidade e à sensibilidade coletiva” (Moura, 2012, p. 45). Neste momento, como “tendência atual, o grande foco de atração são as narrativas da fantasia e da realidade” (Sobrinho, 2000, p. 22). Ora, as listas do PNL “Foram organizadas [...], seguindo um critério de progressão para permitir melhor ajustamento às reais possibilidades de trabalho e apoiar os professores quando avaliam a progressão dos seus alunos” (PNL, s.d., p. 4).

Como tal, para o 2º ciclo do ensino básico,

As listas de livros recomendados para a leitura orientada na sala de aula devem ser organizadas por graus de dificuldade e compete aos professores verificar qual o grau de dificuldade que melhor se ajusta ao patamar de leitura em que se encontra a sua turma. O professor ao selecionar um livro para ler e abordá-lo em sala de aula deve: procurar conhecer bem, os níveis de leitura da sua turma, bem como as suas características; conhecer as leituras anteriores dos alunos, para evitar que releiam obras que já conhecem e para conseguir uma progressão gradual; identificar o nível de leitura (complexidade dos textos e dimensão das obras que já conseguem ler) dos alunos; a apetência por atividades relacionadas com a leitura e os temas de interesse; ter “como referência as listas de livros recomendadas para o ano de escolaridade com o qual trabalha; programar a leitura orientada e as atividades centradas nas obras escolhidas, ao longo de todo o ano letivo”, para poder definir um percurso motivante e ascendente para os seus alunos. (PNL, s.d., p. 4)

É essencial que o professor proporcione “o contacto com grande diversidade de obras, para que os(as) alunos(as) conheçam ao longo do

ano vários autores, vários estilos, muitos temas [e] ilustradores diferentes.” Cada professor devia “trabalhar no mínimo um autor diferente por trimestre” (PNL, s.d., p. 5). Apesar das propostas de leitura sugeridas pelo Programa e pelo PNL, o professor tem autonomia para “gerir, de acordo com as particularidades e especificidades do(s) contexto(s) de aprendizagem que lidera, as leituras que [...] considerar mais oportunas e adequadas” (Reis *et al.*, 2009, p. 105).

No entanto, é essencial que o professor promova

O contacto com diferentes géneros literários, uma vez que, possibilita a vivência de diferentes experiências literárias, de diferentes formas de gerar sentidos, de diferentes formas de ler o mundo e de organizar a informação; ajuda ainda a definir o gosto de cada leitor, permitindo a identificação com este ou com aquele género. (Reis *et al.*, 2009, p. 64)

Em suma,

A perspetiva literária aparece em todos os “domínios”. Na leitura, por exemplo, faz-se referência ao património literário e na gramática e no vocabulário, referem-se os conceitos necessários para falar de literatura. Portanto, há uma perspetiva literária em todos os domínios da atividade linguística humana. (Redes, 2015)

Quadro metodológico, amostra e instrumentos

Em qualquer processo de pesquisa, o investigador deve explicar em detalhe os princípios metodológicos e os procedimentos a utilizar ao longo do decorrer do estudo (Santos, 2002).

A investigação em curso assenta no paradigma qualitativo, pois esta metodologia permite descrever situações, dividir os dados recolhidos por categorias e interpretá-los com base em fundamentos teóricos e sob a perspetiva pessoal do investigador (Wolcott, 1994). O termo *qualitativo* implica, ainda, “uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa” (Chizzotti, 2003, p. 221). Desta forma, um estudo qualitativo valoriza a qualidade socialmente construída da

realidade, num quadro construtivista, a relação íntima entre o investigador e o objeto de exame e os constrangimentos situacionais que enformam a investigação (Denzin; Lincoln, 2000). A investigação qualitativa apresenta cinco características fundamentais, contudo, destacamos neste contexto apenas três: a) a fonte dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses dados; b) os dados que o investigador recolhe são, essencialmente, de carácter descritivo e; c) o investigador interessa-se, principalmente, em compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências (Bogdan; Biklen, 1994). Assim, neste âmbito, o pesquisador estuda os fenómenos no seu contexto natural, procurando interpretá-los em termos dos significados que as pessoas lhes atribuem. Requer, assim, a recolha de materiais que descrevem momentos da vida dos indivíduos, que são interpretados na tentativa de aumentar a compreensão sobre o alvo de estudo (Denzin; Lincoln, 2000).

Todavia, a investigação qualitativa possui algumas limitações, sendo a mais visível a impossibilidade da generalização dos dados, já que não se pode, a partir da análise de alguns casos, universalizar os resultados. Na pesquisa qualitativa, existem três formas privilegiadas para recolher a informação pretendida, a partir da análise documental, o inquérito escrito ou questionário, o inquérito oral ou a entrevista (Tuckman, 1978). No caso presente, a recolha de informação baseia-se no *questionário*. Como acentua Campenhoudt (1992), tal consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representantes de uma população, uma série de perguntas relativas a uma determinada situação ou facto, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões, às suas expectativas ou ao seu nível de conhecimento.

No caso aqui descrito, e que por razões de economia de espaço vamos abreviar, o questionário foi organizado mediante seis seções

iniciais, nomeadamente: dados relativos aos alunos; significado de *literatura*; preferências dos alunos; papel do *PNL* na promoção da leitura; a leitura do texto literário em contexto escolar e a seleção dos textos literários nas aulas de Português. A escolha do questionário como instrumento de recolha de dados deveu-se ao facto de estes alunos possuírem já determinadas competências de leitura e de interpretação e, sobretudo, a capacidade e autonomia para responderem ao solicitado. Concluído o processo de recolha da informação, procedeu-se ao tratamento de dados, recorrendo, assim, a alguns procedimentos estatísticos, uma “ferramenta fundamental para a análise e interpretação de dados, e em particular para a elaboração de conclusões fundamentadas a partir da análise desses dados” (Marôco, 2011, p. 9). Como forma de plasmar os dados obtidos no questionário, a informação recolhida foi tratada em Microsoft Excel, “uma folha de cálculo cujas principais características se direccionam para: [a] construção e consulta de listas de dados, [e] posteriormente para a criação de gráficos [...]” (Sousa, 2001, p. 167). Acrescente-se, ainda, que foi selecionado um manual escolar comum a todos os alunos desse agrupamento de escolas, de modo a verificar a influência que as listagens propostas pelos instrumentos reguladores das aprendizagens têm na construção deste instrumento.

No que toca à amostra, Pinto (2012, p. 24) define-a sucintamente como “um subconjunto de indivíduos da população-alvo”. Acrescenta ainda que “qualquer amostra deverá representar o melhor possível a população” (Pinto, 2012, p. 165). Contudo, refere que “[...] a amostra só tem utilidade prática se tiver a capacidade de representar a população de onde foi extraída” (Pinto, 2012, p. 165). O método de amostragem a ser utilizado não respeitou o conceito de aleatoriedade, como tal a amostra é considerada não aleatória, pois “neste tipo de amostragem a

probabilidade de um determinado elemento pertencer à amostra não é igual à dos restantes elementos”. Marôco (2011, p. 11) afirma que “O problema com este tipo de amostras é que estas podem, ou não, ser representativas da população em estudo”. O tipo de amostragem não aleatória, refletida neste estudo, é a amostragem objetiva, já que “Este tipo de amostra é constituído com um determinado objetivo”, nomeadamente “o acesso rápido a subgrupos restritos que serão mais recetivos aos objetivos do estudo” (Marôco, 2011, p. 11). Assim, a amostra engloba, nesta fase, um grupo de cem alunos que frequentam o 2º ciclo numa escola básica do centro da cidade de Coimbra. A faixa etária dos alunos varia entre 11 e 13 anos de idade. Predomina o género feminino, 54%, seguido do masculino com 46%. Em relação à proveniência dos alunos, 79% habitam na cidade e 21% na periferia. Todas as questões relacionadas com confidencialidade, tratamento de dados e anonimização e respetivas autorizações foram previamente asseguradas.

O instrumento em uso nesta investigação é, pois, o questionário, atendendo a que com ele “torna possível a recolha de informação sobre grande número de indivíduos; permite comparações precisas entre as respostas dos inquiridos; e possibilita a generalização dos resultados da amostra à totalidade da população” (Almeida, 1994, p. 213). Por outro lado, os resultados obtidos através da aplicação deste instrumento podem ser superficiais, uma vez que “a padronização das perguntas não permite captar diferenças de opinião significativas ou subtis entre os inquiridos” (Almeida, 1994, p. 213). O questionário aplicado é composto por perguntas de resposta aberta, resposta semiaberta e resposta fechada, sendo por este motivo designado por questionário semiaberto. Nas questões de resposta aberta, cada inquirido responde de livre vontade; nas questões semiabertas, que envolvem respostas fechadas e

abertas, cada inquirido responde mediante o tipo de questão; nas questões fechadas, as respostas estão definidas e cabe ao inquirido assinalar a(s) resposta(s) mediante as várias opções apresentadas. Existem três categorias, dentro da classe de respostas fechadas, nomeadamente questões de resposta única (Sim ou Não), questões de resposta múltipla (em que são apresentadas várias opções e o inquirido pode assinalar mais do que uma resposta) e questões de escala (Sempre, Quase Sempre, Raramente e Nunca). Para validar o respetivo questionário, implementaram-se duas fases:

1) Avaliação por peritos: que consistiu na validação do questionário por um professor doutorado na área de Português, por um professor doutorado na área de Matemática e por uma professora do 2º CEB;

2) Pré-teste: que consistiu na aplicação de um questionário a seis alunos dos 5º e 6º ano de escolaridade. Tanto o pré-teste, como a avaliação por peritos, foram essenciais para corrigir ambiguidades, omissões e equívocos presentes no questionário, relacionados com a apropriação do vocabulário, a ordem e sentido das questões e as conclusões que cada uma permitia retirar. Desta forma, e de acordo com as dúvidas ou falta de resposta nos questionários aplicados aos alunos durante o emprego do pré-teste, bem como das propostas da equipa de peritos, foram efetuadas as respetivas alterações que constam na versão final do questionário implementado neste estudo. O segundo instrumento, que serve de base a este trabalho que ainda decorre, é o manual escolar, já que este é o principal instrumento pedagógico utilizado nas aulas de Português e constitui uma das decisões curriculares mais importantes para muitos professores. “O manual exerce uma grande influência na aprendizagem dos alunos, dado que orienta e dirige muitas das atividades [...]” (Campanario; Otero, 2000, p.

323). Como tal, foi essencial verificar se os textos e as obras literárias que este integra, pertencem às listas de EL, ao Programa e ao PNL.

Segundo Marôco (2011, p. 7), “[...] O investigador depara-se sempre com algo que precisa [de] medir, controlar ou manipular durante o processo de investigação”, sendo este “algo” uma variável, visto que são as variáveis que fornecem a informação necessária para as conclusões do estudo.” Ora, na investigação em desenvolvimento, apenas foram controladas as qualitativas, que são “variáveis cuja escala de medida apenas indica a sua presença em categorias de classificação discreta exaustivas e mutuamente exclusivas” (Marôco, 2011, p. 7). Estas podem ser medidas numa escala nominal ou numa escala ordinal. Numa escala nominal, as variáveis são medidas em classes discretas, não sendo “possível estabelecer à partida um qualquer tipo de qualificação ou ordenação”, por exemplo, o sexo (masculino ou feminino) (Marôco, 2011, p. 7). Já numa escala ordinal, as variáveis são medidas em classes discretas sendo possível “definir uma determinada ordem, segundo uma relação descritível mas não quantificável, por exemplo, a questão cuja resposta possível pode ser: Sempre/Quase Sempre/Raramente/Nunca” (Marôco, 2011, p. 7). Para além destas duas categorias, existem ainda outras que manipulam diretamente o estudo, como, por exemplo, o meio, o número de respondentes ou o tipo de agrupamento de escolas onde decorre a investigação.

Apresentação, discussão preliminar e provisória dos resultados

Na questão 1 “Conheces o termo *literatura*?”, de todos os alunos, apenas um respondeu *Não*, tendo os restantes respondido *Sim*. À questão 2 “Na tua opinião, literatura é a arte de criar e compor textos?”, da totalidade das crianças inquiridas, 60% responderam *Sim* e 40%, *Não*.

Sobre a pergunta 3, “Qual o género textual de que mais gostas?”, 60% responderam *Texto Narrativo*, 30% *Texto Dramático*, e apenas 10% responderam *Texto Poético*. Na questão 4, “Qual o teu livro favorito (enuncia o título e o autor)?” existiram diversas respostas, sendo que não é possível elencá-las na íntegra. Como tal, as respostas foram organizadas por géneros literários. Desta forma, 85% recaem sobre o *Narrativo*, 10% no *Texto Dramático* e 5% no *Texto Poético*. Estes resultados são, numa primeira leitura, algo desconcertante quanto, eventualmente, inconsistente. De forma a complementar a questão dos livros eleitos favoritos dos alunos, destacaram-se quatro pelo número de ocorrências. Foram eles: *Os Piratas – Teatro*, de Manuel António Pina; *Chocolate à Chuva*, de Alice Vieira; *O Diário de Anne Frank*, de Anne Frank e o *Planeta Branco*, de Miguel Sousa Tavares. Apesar de os livros terem títulos diferentes, são muitos os casos em que o nome do autor se repete. As autoras da coleção *Uma Aventura*, Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada são as preferidas da amostra. Segue-se Manuel António Pina, Alice Vieira, mas também J. K. Rowling ou Robert Muchamore. Em último lugar, surgem Anne Frank, António Mota, Enid Blyton, Jeff Kinney, Maria Teresa Maia Gonzalez, Miguel Sousa Tavares e Sophia de Mello Breyner Andresen. À questão 5, “Quando terminas a leitura autónoma de um livro, costumavas partilhar essa experiência com alguém?”, a expressiva maioria dos alunos, nomeadamente 85%, responderam *Sim* e apenas 15% responderam *Não*.

Relativamente à questão 6, “Com quem partilhas essa experiência?”, cerca de 30% responderam que partilhavam a experiência de leitura autónoma com os pais, 25% partilhavam com *um(a) amigo(a)*, e os restantes 45% distribuía-se por *um(a) colega de turma*, ou *outro familiar*. Curiosamente, ou não, nenhum mencionou o professor bibliotecário.

Na questão 7, “Nas tuas aulas de Português, qual foi a obra ou quais foram as obras que estudaste?”, podiam eleger várias opções. Desta forma, os resultados foram por maior frequência, os seguintes: *A Fada Oriana*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, seguidamente, *A Viúva e o Papagaio*, de Virginia Woolf, logo após, *O Príncipe Nabo*, de Ilse Losa, *A Vida Mágica da Sementinha*, de Alves Redol, e, por fim, com zero respostas, o livro *O Pássaro da Cabeça e mais versos para crianças*, de Manuel António Pina. Na questão 8 “Qual ou quais destas obras estudaste e/ou irás estudar nas tuas aulas de Português?”, *Ulisses*, de Maria Alberta Menéres e *Os Piratas – Teatro*, de Manuel António Pina; *Chocolate à Chuva*, de Alice Vieira e *Ali Babá e os Quarenta Ladrões*, de António Pescada (adaptado); *A Árvore*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, que não integra a Lista de Obras e textos para Educação Literária das Metas Curriculares, cuja leitura é, portanto, opcional, no entanto contabilizou 20% das respostas. O título *As Naus de Verde Pinho*, de Manuel Alegre, também foi mencionado, assim como o livro *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe.

De modo sintético, estes dados ainda parcelares apontam para realidades mais ou menos expetáveis e cuja leitura exige maior consolidação e, inclusivamente, mais tempo para que se possam infirmar ou atestar.

Relativamente ao significado do conceito de *literatura*, a maior parte da amostra conhece o termo e compreende o seu significado. Apesar da relativa imaturidade deste leitor, estes dados parciais deixam entrever que, neste cenário educativo, os alunos associam o conceito à ideia de *criação* e de *composição criativa* de textos, embora acreditemos que, eventualmente, este dado pudesse ser mais expressivo. No tocante às preferências dos alunos, grande parte da amostra elegeu como género textual preferido o narrativo, e a maioria dos livros favoritos da amostra

pertence também a este género literário. Este é um resultado alinhado com a investigação na área e, ainda, com as práticas letivas que privilegiam maioritariamente o texto narrativo.

A amostra faz a seleção dos livros que costuma ler, maioritariamente, pelo título. Ao terminar a leitura autónoma de um livro, em geral, a amostra partilha essa experiência, sobretudo com os pais, e a maioria fá-lo principalmente com eles. Já no que concerne ao “O PNL como iniciativa para a promoção da Leitura”, a amostra identifica o logótipo **LER⁺**; e maioritariamente, observou-o na capa de um livro. De uma forma geral e significativa, percebemos que os alunos conhecem muito bem este programa de promoção nacional da leitura em Portugal, maioritariamente através do professor.

De forma expressiva, os respondentes quase sempre conseguem distinguir os diferentes géneros literários; existiu apenas uma ligeira oscilação entre o sempre e o quase sempre, quanto há existência de uma breve referência ao(à) autor(a) no início do estudo de uma obra; e segundo a amostra, a apresentação do(a) autor(a) é realizada pelo(a) professor(a). Já no que diz respeito à seleção dos textos literários nas aulas de Português, no 5º ano, as obras estudadas que prevaleceram nas respostas da amostra foram: *A Fada Oriana*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, e *A Viúva e o Papagaio*, de Virginia Woolf; as obras estudadas e/ou a estudar, nas aulas de Português do 6º ano, assinaladas pela maioria dos elementos da amostra foram *Ulisses*, de Maria Alberta Menéres, e *Os Piratas – Teatro*, de Manuel António Pina; e a amostra teve conhecimento da(s) obra(s) estudadas ou a estudar, no 6º ano de escolaridade, essencialmente, através do(a) professor(a).

Com o propósito de complementar a investigação, foi verificado se os textos propostos para estudo e leitura em contexto escolar estavam de acordo com as listas prescritas no Programa e/ou com as listas do PNL.

Conclui-se, então, que as obras presentes nos manuais em causa, encontram-se quer no Programa, quer nas sugestões do PNL, quer para o 5º, quer para o 6º ano. Após o levantamento destes dados, e com o intuito de ir um pouco mais longe, realizou-se uma breve análise aos manuais escolares em vigor e adotados pelo estabelecimento de ensino onde este trabalho incidiu primeiramente, com o propósito de verificar qual a relevância das listas. Verificamos que ambos integram quase na totalidade os textos que pertencem tanto ao Programa como ao PNL. Acrescente-se que, embora ambas as listas de leitura sugeridas por estes documentos recomendem as obras literárias para uma determinada faixa etária, os manuais em causa não respeitam integralmente essa indicação. Ressalve-se, contudo, que nada impede que o professor adote da lista proposta para um determinado ano, uma obra recomendada pelo PNL para um ano distinto. Pelo contrário, essa é uma opção que consideramos criteriosa. Ela é da responsabilidade do professor e depende, entre muitos outros fatores, do tipo de abordagem didática pretendida. Conforme se menciona nos documentos disponíveis no PNL, estes elencos são atualizados com periodicidade. Naturalmente que os textos para leitura referentes a este ano de ensino devem ter em atenção as leituras efetuadas nos anos anteriores, como já acentuavam Reis *et al.* (2009, p. 105).

Conclusões e limitações do estudo

A finalizar este sucinto painel de conclusões ainda parcelares – e na impossibilidade de espelhar neste capítulo todas elas – importaria destacar algumas linhas de força que parecem sobressair deste estudo exploratório em curso.

A primeira delas é que é possível afirmar que o grande domínio designado por educação literária, assume um papel importante no

interior das aulas de Português, com tendência a expandir-se para o exterior do contexto de sala, porquanto toca as questões relacionadas com a formação do leitor. Os dados de que dispomos permitem até agora constatar tal facto, através da análise das respostas obtidas nos questionários. Mas outra conclusão expetável diz-nos que os alunos, apesar da idade e imaturidade parecem identificar claramente aquilo que consideramos serem as diferenças entre texto literário e não literário.

No que toca ao género preferido, os dados apontam todos na mesma direcção, à semelhança da investigação nesta área e, ainda, das práticas observadas em contexto de aula; a narrativa encabeça as preferências, com uma margem clara. Esses dados têm estado já em evidência, inclusivamente em estudos internacionais sobejamente conhecidos, como é o caso de vários dos relatórios Pisa da OCDE (*Programme for International Student Assessment*).

Os livros favoritos dos alunos espelham de modo significativo o condicionamento exercido pelos manuais, pelo Programa e pelas sugestões emanadas da escola. Ou seja, não é visível uma interferência da família ou do envolvimento parental, por exemplo, como fatores condicionantes na escolha de livros para leitura não orientada. Num sentido aparentemente inverso, pelo menos para já, parecem caminhar as partilhas de experiência de leitura, cujos resultados poderão fazer adivinhar uma tendência relevante e um comportamento mais aberto em relação à leitura; fazendo-nos crer que esta atividade para além de constituir uma experiência privilegiada e mais individualizada, começa a tomar novas feições de prática partilhada. Este é um dado que, a todos os títulos, interessa reconfirmar com o prosseguimento desta pesquisa.

Mas uma das conclusões preliminares de maior fôlego e alcance, e cujos reflexos poderão ter maior significado, prendem-se com a verificação de que a maioria dos excertos que integram os manuais são

sugeridos, ora pelos documentos curriculares, ora pelo PNL, corroborando a legitimação dos instrumentos reguladores no ensino da leitura e, mormente, no desenvolvimento do trabalho em torno da educação literária na escola. Por outras palavras, os manuais escolares enquanto instrumentos de recontextualização pedagógica emulam as sugestões de leitura prescritas, num efeito de espelhamento a que não serão alheios, entre outros fatores, as necessidades de uniformização a que a escola obriga, um efeito reprodutivo de práticas canónicas de leitura, mas ainda a perceção de que esses textos veiculam características que se adaptam ao perfil etário e à maturidade leitora dos alunos deste ciclo.

Da mesma forma, quer os livros que os alunos pretendem ler, quer aqueles que estão no seu horizonte próximo enquanto leitores, passam primordialmente pela lista programática. Este efeito de eco é natural neste contexto, mas deve ter sido em linha de conta quando pensamos em trabalhar a leitura para além do espaço da escola e, sobretudo, nas sugestões livres, recreativas e realizadas por volição.

Apesar do trabalho não se encontrar concluído, a grande limitação do mesmo pode residir no (ainda) número demarcado da população que integra a amostra e, a este facto, acrescenta-se que, por enquanto, os respondentes pertencerem ao mesmo agrupamento de escolas, apresentando idênticos parâmetros socioeconómicos e vivências escolares sem grandes oscilações. Tal como Pinto (2012, p. 165) afirma:

Toda a análise de inferência estatística assenta no pressuposto de que a amostra é representativa da população em estudo, pelo que, quanto menor for a representatividade da amostra, maior será a diferença entre a realidade e as conclusões obtidas a partir da análise dos dados provenientes da mesma.

Outra variável a levar em conta e a sopesar prende-se com as diferenças possíveis relativamente aos manuais escolares adotados, uma

vez que pode refletir diferentes listas de textos para a educação literária, e proximidade ou afastamento do Programa e do PNL.

Futuros dados poderão infirmar ou robustecer os que aqui explanamos e, de uma forma ou de outra, contribuir para lançar maior luz e menos sombras sobre este espaço didático de decisões tão relevantes no âmbito do ensino da literatura neste ciclo de ensino. Talvez tenhamos chegado a um ponto curricular na história do ensino da leitura em Portugal, em que convenha eventualmente sabermos-nos distanciar das constrações mais prescritivas que os programas encerram, dos normativos gerais, e caminhar de modo mais livre por territórios mais amplos, mais ao encontro de cada leitor com o seu texto.

Referências

- ALMEIDA, João Ferreira de. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Universidade Aberta, 1994.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação** – uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- BUESCU, Helena C. *et al.* **Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico**. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência, 2015.
- CAMPANARIO, Juan Miguel; OTERO, José. **La Comprensión de los Libros de Texto**. Alcoy: Editorial Marfil, 2000.
- CAMPENHOUDT, Raymond Quivy. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.
- CASTRO, Rui Vieira de; RODRIGUES, Angelina; SILVA, José Luís. **Manuais Escolares: estatuto, funções, história**. *In: Atas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*. Braga: Universidade do Minho, 1999.
- CHIZZOTTI, Antonio. A Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**,

- Braga, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.
- CRITÉRIOS de Seleção dos Títulos. Lisboa: PNL, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/33On3sn>. Acesso em: 16 nov. 2021.
- CUSTÓDIO, Pedro Balaus. **Cânone Literário**: Uma década de mudanças. 2004. 540f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Coimbra, Coimbra.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **Handbook of Qualitative Research**. Sage: Thousand Oaks, 2000.
- MARÔCO, João. **Análise Estatística com o SPSS Statistics**. 5. ed. Pero Pinheiro: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, 2011.
- MARTINS, Inês. **A seleção de textos nas aulas de Português no 6º ano do Ensino Básico**: aspetos e considerações didáticas no domínio da Educação Literária. 2017. 240f. Relatório final (Mestrado em Ensino dos 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico) – Instituto Politécnico de Coimbra, Coimbra.
- MOURA, Vasco Graça. Sobre o cânone literário. **Diário de Notícias**, Lisboa, p. 34, 8 ago. 2012.
- ORIENTAÇÕES para Actividades de Leitura, Programa: Quantos mais livros melhor. 2º Ciclo. Lisboa: Ministério da Educação, [s.d.].
- PINTO, Ricardo Ramos. **Introdução à Análise de Dados Com Recurso ao SPSS**. 2. ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2012.
- REDES, Luís Filipe. **A educação literária nos novos programas de Português do ensino básico**. Lisboa: Associação de Professores de Português, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3ETX5QX>. Acesso em: 02 nov. 2021.
- REIS, Carlos *et al.* **Programas de Português do Ensino Básico**. Lisboa: Ministério da Educação, 2009.
- SANTOS, Maria Conceição. **Trabalho experimental no ensino das Ciências**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2002.
- SIM-SIM, Inês. **Ler e ensinar a ler**. Porto: ASA, 2006.
- SIM-SIM, Inês. **O Ensino da Leitura: A Compreensão de Textos**. Lisboa: Ministério da educação, 2007.

- SOBRINO, Javier García. **A Criança e o Livro – A Aventura de Ler.** Porto: Porto Editora, 2000.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SOUSA, Sérgio S. **Microsoft Office 2000 para todos nós.** 4. ed. Lisboa: Editora de Informática, 2001.
- TAUVERON, Catherine. **Lire la Littérature à l'École.** Pourquoi et comment conduire cet apprentissage spécifique? De la GS au CM. Paris: Hatier, 2002.
- TUCKMAN, Bruce W. **Conduction Educational Research.** United Kingdom: Rowman & Littlefield Publishers, 1978.
- WOLCOTT, Harry F. **Transforming Qualitative Data: Description, Analysis, and Interpretation.** Sage Publications: Universidade de Michigan, 1994.
-

Nota

1. O principal ponto de partida deste estudo foi dado em 2017 com a publicação do trabalho acadêmico de Inês Martins (2017), conforme fonte citada na lista de referências. Este capítulo colhe, pois, diversas informações dessa investigação, a cuja autora agradecemos a cedência de alguns dados e textualização aqui incluídos.

Língua Portuguesa e Produção textual do Colégio Marista Pio XII. E-mail: oliveiraufcg@hotmail.com.

Fabiano Tadeu Grazioli: Doutor em Letras (Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva, Linha de Pesquisa: Leitura e Formação do Leitor) e mestre em Letras (Área de concentração: Estudos Literários, Linha de Pesquisa: Leitura e Formação do Leitor), pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo/RS (UPF); Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura e Licenciado em Letras Português/Espanhol e respectivas Literaturas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus de Erechim. É professor do Departamento de Ciências Humanas da URI e sócio-diretor da Dueto Produções Artísticas e Culturais Ltda. Foi contemplado em edital público com a Bolsa Funarte de Produção Crítica sobre Conteúdos Artísticos em Mídias Digitais/Internet - Edição 2009, a partir da qual desenvolveu a pesquisa “Leitura e fruição na tela: um olhar crítico em direção à ciberpoesia”; contemplado em edital público com a Bolsa Funarte de Circulação Literária - Edição 2010, com a qual desenvolveu o projeto “Leitura dramática: revelando a dramaturgia brasileira para jovens leitores e suas comunidades”; contemplado em edital público com a Bolsa Biblioteca Nacional/Funarte de Circulação Literária - Edição 2012, a partir da qual desenvolveu o projeto “Dramaturgia e jovens leitores: encontros necessários nos territórios da cidadania”. É autor da obra *Teatro de se ler: o texto teatral e a formação do leitor* (Ediupf), que teve sua segunda edição em 2019. Organizou, entre outras, as obras: *Teatro infantil: história, leitura e propostas* (Positivo, 2015), sobre dramaturgia para crianças e jovens, que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2016, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), e no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da mesma instituição; e *Literatura de recepção infantil e juvenil: modos de emancipar* (Habilis Press, 2018), com Rosemar Eurico Coenga, que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2019, e no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, ambos da FNLIJ. E-mail: ftg@uricer.edu.br

Gislene Aparecida da Silva Barbosa: Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Docente no Instituto Federal de Educação de São Paulo – campus de Presidente Epitácio. Membro do GP “Formação de professores e as relações entre as práticas educativas em leitura, literatura e avaliação do texto literário”. E-mail: barbosagislene@gmail.com.

Isabel Sofia Calvário Correia: Professora Adjunta de Nomeação Definitiva na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra e Pós-doutorada em Morfologia Contrastiva (Português/Língua Gestual Portuguesa) pela Universidade de Coimbra (UC) e Pós-doutorada em Marcação de Tempos Verbais em Língua Gestual Portuguesa pela Universidade da Beira Interior e ainda Doutora em Literaturas e Culturas Românicas pela Universidade do Porto. É coordenadora do Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra, investigadora responsável da linha “Interpretação, Ensino e Investigação em Línguas de Sinais”, afeta ao Núcleo de Investigação em Educação, Formação e Investigação da Esec. Também é autora de capítulos de livros e artigos científicos na área da Linguística das Línguas de Sinais e professora na área de Linguística Aplicada e materiais bilíngues. Autora e coautora de livros infantis bilíngues.

Renata Junqueira de Souza: Doutora em Letras pela Unesp. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp – campus de Presidente Prudente. Bolsista em produtividade em pesquisa. Líder do GP “Formação de professores e as relações entre as práticas educativas em leitura, literatura e avaliação do texto literário”. E-mail: recellij@gmail.com.

publicação, incluindo todos os cuidados necessários para melhor pontuação da obra na avaliação da Capes.

Nosso trabalho de divulgação e distribuição dos livros físicos alcança todo o Brasil através de livrarias universitárias, eventos acadêmicos e plataformas online como a Amazon, Americanas, Submarino e Shoptime. Já no digital, a distribuição é global através de lojas da Amazon, Apple, Google e Kobo.

Venha você também publicar na Paco Editorial, editora referência no meio acadêmico, técnico e científico, com mais de 2 mil títulos publicados.

Para publicar dissertações, teses, obras técnicas, científicas, obras coletivas de grupos de pesquisa, acesse:

<http://editorialpaco.com.br/publique-na-paco/>.

Para publicar capítulo de livros em obras organizadas, acesse:

<http://editorialpaco.com.br/capitulo-de-livros/>.

Para adquirir outros títulos da Paco,
acesse: www.pacolivros.com.br



Av. Dr. Carlos Salles Bloch, 658 - Sala 21
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100
Telefone: 11.4521.6315